

“New York, New York”

Denny Yang

Prólogo

Quase cinco meses desde que voltei das minhas “férias prolongadas” e aqui estou eu, novamente decepcionado. Com Aline, talvez; com o mundo; ou, quem sabe, comigo mesmo.

No primeiro dia em que voltei de minhas “férias prolongadas” - como eu gosto de chamar esse período em que fiquei nas montanhas - eu era praticamente um bicho do mato. Minha barba estava longa, meus cabelos marrons bem compridos, e eu não tomava banho fazia bastante tempo. Eu nem sabia mais o que era tomar banho, para ser franco.

Fiquei muito, muito tempo naquelas montanhas, tanto tempo que até havia perdido as contas. Meus pais, quando voltei à casa deles, disseram que se passaram exatos três anos. Minha mãe disse “três anos e algumas semanas”.

De modo que me reinstalei na casa de meus pais, assim que voltei de minhas “férias prolongadas”, e tentei voltar à uma vida normal. Tive sucesso, pensando melhor agora. Consegui finalmente me reintegrar a sociedade – depois desses sofridos e penosos cinco meses. Por outro lado, no entanto, tive novamente uma grande decepção.

Talvez seja preciso dizer que as “férias prolongadas” das quais eu tomei como meu direito irrevogável foram decerto frutos de uma grande decepção, assim como eu estava tendo novamente. E não sei mais, com tanta clareza, se a saída é fugir e viajar, como eu havia feito três anos e “algumas semanas” atrás. Muitas vezes, porém, não temos controle sobre o que é certo ou errado de se fazer; temos simplesmente que ir tentando; e, afinal de contas, se alguém não sabe onde quer chegar, precisa ir caminhando, que onde chegar já está bom.

Os primeiros dias de minha volta à cidade não foram nada fáceis. Eu não sabia mais nem me comunicar direito, e grunhava certas expressões, a bem da verdade.

Obviamente, voltei para minha casa, a casa de meus pais, que sempre me acolheriam bem. Meu quarto, meu quarto intacto, igualzinho a como eu o deixara

Minha mãe foi a pessoa que me obrigou a tomar um bom banho, cortar os cabelos e fazer a barba. Ela foi muito gentil, também, em comprar umas roupas novas para mim, no mesmo dia em que cheguei.

Passado alguns dias, umas duas, três semanas, eu comecei a tentar fazer as coisas por mim mesmo, como fazia antigamente. Então, ficava muito tentando me ocupar, saindo sempre que podia, para passear, para ver se encontrava algum conhecido, algum amigo de antigamente. Eu precisava me reintegrar a sociedade. Não importava muito se eu estivesse de fato fazendo alguma coisa ou não; eu apenas não queria me sentir um *parasita*.

O tempo que fiquei nas montanhas me deu, de certa forma, uma sensação de liberdade que agora eu não sentia mais, mas que eu guardava-a dentro de mim; e eu sabia que só poderia resgatar essa liberdade quando eu tivesse bem novamente, recuperado e civilizado.

Nos primeiros dias de minha volta, eu pegava ônibus com o dinheiro de meus pais, e ia até o novo centro. Lá parecia ser o local onde as coisas aconteciam.

Eu cheguei a ligar, no começo, para algumas pessoas conhecidas de antigamente; e elas continuavam sendo atenciosas comigo. Principalmente a Aline, minha melhor amiga da época – antes da viagem – e dois amigos que tinham um bar no novo centro.

Na vizinhança da casa de meus pais não havia nenhuma pessoa conhecida, e isso fazia com que eu me obrigasse a ir ao novo centro.

Era estranho, agora eu vejo, depois de tanto tempo naquele retiro em que fiquei, ir voltando novamente a vida urbana, como era nos primeiros dias. Contudo, era isso o que eu queria, me integrar novamente, a tudo, a todos, aos relacionamentos e sistemas organizacionais e comunitários, e então eu sempre pegava ônibus em direção ao novo centro, onde havia: comércio, pessoas passeando com seus cachorros, casais tomando sorvete, onde as coisas pareciam acontecer.

Meus dois amigos que, sócios, tinham um bar no novo centro, me chamaram, certo dia (talvez na segunda semana de minha volta das “férias prolongadas”) a visitá-los lá no novo centro. Eu aceitei o convite, e comecei a ir lá todos os dias, talvez para desconforto deles – pois eu ficava no bar sem falar absolutamente nada, no início- e fazia sempre questão, no entanto, de pagar pelas minhas bebidas. Em geral, eu pedia suco de laranja, que fazia bem à saúde – eu não estava bebendo álcool.

Eu havia mudado bastante.

Nas minhas conversações, aparentemente, parecia que eu sequer conseguia imitar quem eu era antes, uma pessoa extremamente jovem, imatura e falante; ao contrário de meus amigos, que tinham sempre um monte de coisas e informações para conversar, dizer e, não menos importante, *pensar*.

Julgava eu que essa mudança em mim, e esse empobrecimento nas minhas conversações se devia a eu estar completamente desinformado de notícias e de história recente. Foi aí que me surgiu a idéia de ver televisão, para suprir essa falta de informação. Não que minha memória estivesse apresentando falhas, era simplesmente que, por causa de minha viagem às montanhas, eu estava até certo ponto treinado para pensar apenas em coisas que fossem extremamente essenciais – ou apenas estar em estado meditativo -, e todas aquelas conversações que meus amigos tinham, de algum modo, me pareciam um pouco vazias, apesar de, claro, conterem todo o recheio da vida urbana atual.

Indo ao bar desses meus amigos, eu começava a ficar bastante preocupado com isso, pois, se eu realmente queria me integrar novamente, eu precisaria abdicar dessas minhas técnicas aprendidas durante meu retiro, de meditação e silêncio, sobretudo, e precisaria agir como qualquer um de nossa cidade age.

Nas primeiras semanas tudo isso para mim era extremamente difícil, e a consequência foi que me apeguei a meus pais logo nos primeiros dias.

Parecia que, com eles, eu não precisava me esforçar muito para conversar, me integrar, agir; mas logo vi que eu não poderia mais me refugiar na proteção e silêncio que eles me davam, e eles não tinham muito tempo para ficar comigo, de modo que escolhi ficar cada vez mais tentando lidar com as coisas por mim mesmo.

Indo ao novo centro quase todos os dias, umas das únicas coisas que eu realmente achava que poderia me trazer frutos nessa integração era ir ao pequeno bar que esse meus dois amigos possuíam. Digamos que eu passava umas oito horas fora de casa, passeando. Dessas oito, duas horas eu passava no bar deles. E todas as seis horas restantes era simplesmente uma falta do que fazer que me fazia pensar que talvez eu não estivesse fazendo a coisa certa. Eu queria, claro, era conhecer novas pessoas, e não tinha tanto interesse assim nas coisas que tinham de novo, como nas lojas em que eu passava na frente. No máximo, eu via as vitrines, mas nunca entrava para comprar nada, nem para perguntar preços, nem nada disso.

O que importa é que, nesse dias em que eu ia ao novo centro, eu ficava com cada vez menos coisas para se fazer, e cada vez mais tédio. Eu já conhecia cada rua, cada prédio e cada loja de cor, após duas semanas.

A coisa que realmente gratificava, então, era andar e estar na companhia de meus amigos no bar onde eu passava minhas duas horas diárias. Sempre gostei muito de andar, e era muito gostoso andar no novo centro. Mas eu não

podia ficar andando durante toda minha vida, tanto tempo, no novo centro, sem fazer nada. A ida ao bar de meus amigos começava também a me pressionar a fazer coisas mais produtivas. Muitas vezes eu ia lá, e eles não podiam conversar comigo, pois estavam ocupadíssimos em resolver questões financeiras e coisas do gênero. O humor deles variava bastante, alguns dias eles sentavam os dois juntos na mesa em que eu ficava, traziam e bebiam muitos chopps, e riam bastante, contavam piadas - que eu nem sempre entendia -, chegavam a cantar. Mas havia dias em que os dois discutiam num tom bastante feio, na frente de todos seus funcionários e clientes, e que me deixava bastante constrangido. Ou muitas vezes em que um deles, a sós, vinha contar seus problemas para mim, que pareciam não acabar mais, em todos os âmbitos possíveis. Eu sempre havia tido uma paciência fenomenal para problemas dos outros, sempre ouvia com muita calma, e não era diferente dessas vezes. Eu sentia que eles dois eram muito instáveis, e também me sentia um pouco culpado em estar todos os dias indo no bar deles, como se eu não tivesse nada melhor a fazer, como se eu não pudesse trabalhar, como se eu não tivesse problemas, não tivesse o stress da vida urbana, e me sentia um pouco culpado em não estar integrado a esse ponto na sociedade. Eu começava a pensar que seria muito difícil eu me integrar com

as pessoas se eu não tivesse fazendo nada, ou com nenhuma ocupação ou responsabilidade maior. Pois de fato era isso o que acontecia.

Eu conhecia pessoas, às vezes, mas nunca ia além do primeiro passo de conhecer e conversar um pouco. Depois, comecei a raciocinar que talvez fosse essa espécie de imagem que eu causava as pessoas, já que não tinha nenhuma ocupação, morava com os pais apesar da idade - nem tão avançada assim - e por ter uma certa falta de habilidade em estar informado sobre as coisas do mundo, as notícias, as linguagens, as modas, e tudo isso. Então, comecei a trabalhar em resolver esse problema, para que a minha integração fosse total.

Claro que eu queria passar um certo tempo longe de problemas, e justamente esse foi o motivo de minha viagem. Mas eu não poderia me integrar novamente se eu não estivesse disposto a encarar situações que fossem me deixar com uma certa dose de preocupações como meus dois amigos tinham. Não que isso tudo fosse um dilema moral, entre ficar em paz, mas sem ocupação nenhuma, e estar integrado de cabeça cheia crônica. Não havia essa dúvida, pois eu tinha que me integrar novamente. Eu não estava mais aguentando ficar naquelas montanhas.

De modo que resolvi, após algum tempo indo direto ao novo centro, me manter informado a respeito do que se passava no mundo, na sociedade, e todas essas coisas. Achei que esse fosse o primeiro passo para quem quisesse se integrar. O meu plano era para, depois dessa etapa, procurar retomar alguma coisa do meu trabalho de antigamente. Eu era ator.

Talvez seja difícil entender o porquê dessa necessidade tão grande que eu tinha em me manter informado e atualizado sobre as coisas. Na idade em que eu estava, eu não poderia mais me dar ao luxo de estar alienado do mundo e dos fatos que ocorrem e ocorreram. Ou talvez fosse por causa de minha viagem, em que fiquei isolado. Não sei, mas eu precisava urgentemente preencher minha cabeça, porque não surgia nada para se falar, nunca, com ninguém. Era como se me desse um branco permanente, como se eu continuasse naquele estado meditativo. E eu tinha ambições, eu queria na pior das hipóteses voltar a ter a qualidade de vida que eu tinha antes de viajar. E, sob praticamente todos os pontos de vista, eu tinha condições de fazer isso com razoável tranquilidade. Era apenas ir seguindo os passos necessários, que, quando a hora chegasse, eu me integraria, e encontraria algum emprego. Mas eu não poderia simplesmente me apresentar do jeito em que eu estava. Completamente vazio. Eu tinha que me retrainar, principalmente minhas habilidades comunicativas.

Claro, seria muito mais fácil se eu tivesse alguém em que eu confiasse bastante, e que estivesse disposto ou disposta a conversar indefinidamente, quando e quanto eu quisesse. Mas eu não tinha muitas pessoas assim, pois em relação a meus pais, eu simplesmente não queria mais nem deixá-los preocupados, nem queria que fossem as únicas pessoas das quais eu poderia contar; e quanto aos meus dois amigos que tinham o bar, eu começava a desconfiar que eu não tinha a liberdade ou o direito de ficar abusando da paciência deles, para que me ajudassem a me articular novamente. Mas eu continuava a ir de vez em quando no bar deles, ao mesmo tempo em que falava ao telefone frequentemente com a Aline, uma amiga que morava numa cidade praieira, a duas horas daqui. Pelo que ela havia me dito, muita gente ficou com uma impressão muito ruim por tudo o que me acontecera, pela viagem, e saber disso foi apenas um motivo a mais para que eu me afincasse a fundo em voltar a ser como eu era antes, nos bons e velhos tempos. E que pudesse mostrar a todos de antigamente que eu estava bem como sempre estive, apesar de isso não ser a mais completa verdade.